



Stefan Stadtherr Wolter

MARTIN BEGRICH

Porträt eines „Brasilienpfarrers“
nach Tagebüchern und Dokumenten

Stefan Stadtherr Wolter

Paul Jobst Martin Begrich:
Um pastor e historiador alemão em
São Paulo segundo seus diários



Instituto
Martius-Staden

“Ele encontrou e cumpriu a grande missão de sua vida em solo brasileiro ao longo de trinta e três anos, de 1929 a 1962”, resumiu Karl Fouquet em seu obituário de Martin Begrich (1897–1971).¹ Pouco depois de sua morte, em janeiro de 1971, Fouquet (1897–1980), que era intimamente ligado ao Instituto Martius–Staden, em São Paulo, descreveu a vida do pastor, jornalista e historiador apaixonado em palavras laudatórias no jornal *Deutsche Nachrichten* (*Notícias Alemãs*). Até hoje, elas ajudam a esclarecer a vida de Begrich desde o nascimento e, ao mesmo tempo, a mostrar seu alto *status* na vida social e eclesiástica da época. Em 1954, Begrich recebeu a Cruz de Mérito Federal por seu compromisso de caridade com a Alemanha Ocidental do pós-guerra. Em 1956, foi eleito Presidente do Sínodo Central Brasileiro. Depois de meio século de desvanecimento e esquecimento, parece apropriada uma análise.

Quem nos “200 anos da imigração alemã no Brasil” (2024) procurar vestígios do antigo pastor alemão de São Paulo, Martin Begrich, deve encontrá-los aqui e ali em bibliotecas acadêmicas e na internet. No entanto, se o interesse é em sua biografia, que está intimamente ligada à sorte na Alemanha e no Brasil, deve-se confiar mais nas estantes dos arquivos. E não apenas no Brasil,² mas, sobretudo, nas estantes particulares de sua família na Alemanha. Dois diários que Martin Begrich manteve entre 1924 e 1950 ficaram ali guardados despercebidos durante mais de 50 anos e são testemunhas diretas da vida cotidiana que teve que ser suportada e moldada em toda a turbulência política da época. Esses diários, juntamente com as entradas do último calendário oficial de 1970 (mantido continuamente por Begrich até pouco

1 Arquivo privado (PA): Pastor Begrich zum Gedaechtnis, *Deutsche Nachrichten*, sem data, 1971. As citações não marcadas no texto a seguir foram retiradas dos diários de Martin Begrich.

2 Uma coleção significativa de documentos relacionados a Martin Begrich pode ser consultada no Instituto Martius–Staden, que também tem a maioria de suas publicações. Seria interessante analisá-los.

antes de sua morte), formam uma coleção impressionante de mais de 500 páginas de escritos em alemão cursivo antigo. Enriquecido com fotos e comentários, trechos de cartas e registros no livro de visitas do casal Begrich, também preservado, está disponível impresso em alemão, transcrito e comentado, para o jubileu. Pela primeira vez, o livro³ traz um aprofundamento da vida pessoal desse pastor, que também conhecia sua vocação de historiador e nos deixou mais de 100 artigos impressos sobre a comunidade alemã em São Paulo. A maioria deles está disponível agora no Instituto Martius–Staden em São Paulo, para o qual Martin Begrich, durante sua vida, doou valiosos documentos e livros sobre a história da imigração alemã.⁴ Algumas das suas contribuições, que valeriam a pena considerar separadamente, foram publicadas na revista paroquial *Kreuz im Süden*, fundada por Begrich em 1936 e que, com exceção de alguns anos de interrupções políticas, sobreviveu durante o período de sua atuação no Brasil (1929–1963), tanto com notícias da Igreja quanto com artigos sobre teologia e história.⁵

Devido a esse entusiasmo pela publicação, não é muito difícil recordar o que Martin Begrich alcançou no espírito de “preservar o germanismo”,⁶ como estipulavam as regras de associação da comunidade protestante alemã.⁷ No entanto, aplicam-se hoje padrões de avaliação diferentes dos da época de Fouquet. É, portanto, fundamental questionar até que ponto Martin Begrich se permitiu integrar-se à ideologia da propaganda nacional-socialista, que também assumiu a causa de preservar e enfatizar o germanismo – embora por motivos antisemitas e racistas. A resposta encontra-se nos diários e na análise dos seus escritos publicados, que será uma tentativa do presente artigo: uma euforia inicial sobre a promessa propagada de uma renovação religiosa e moral do povo alemão foi logo seguida pela desilusão. Begrich sugeriu repetidas vezes atritos com a organização estrangeira do NSDAP. Até 1935, ele publicou ocasionalmente no órgão do partido brasileiro e, assim, demonstrou sua lealdade ao estado nazista, mas afirmou com sobriedade ao historiador Friedrich Sommer (1873–1957), em novembro de 1937: “Nenhum

3 Stefan Stadtherr Wolter: Martin Begrich. Retrato de um “pastor brasileiro” baseado em diários e documentos, Berlim, 2023.

4 Vide nota 1.

5 Vide Biblioteca Nacional Alemã (DNB) on-line, em <https://www.luteranos.com.br/>.

6 Vide obra padrão: Martin N. Dreher, Kirche und Deutschtum in der Entwicklung der Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien (Arbeiten zur kirchlichen Zeitgeschichte, v. 6). Göttingen, 1978.

7 “O objetivo e a tarefa da congregação são o cultivo e a disseminação da doutrina protestante e a preservação do germanismo.” Citado em “Satzung der Deutschen Evangelischen Gemeinde”, *Kreuz im Süden*, Ano 1, nº 10, abril de 1937.

discurso público é realizado, nem aparece uma edição do *Deutscher Morgen* que não contenha um pequeno ou grande insulto contra a igreja. Eu me opus a isso no sermão da Reforma e talvez agora tenha que suportar os latidos raivosos que virão.”⁸ Begrich, muitas vezes, teve que manter discussões após seus sermões, sobretudo com os diretores da Escola Alemã, dr. Alto e dr. Fouquet. Embora seu amigo arquiteto Rudolf Kolde tenha instalado a suástica na igreja da cidade em novembro de 1933, para ele, o Reino de Deus permaneceu o centro da proclamação. Embora ainda não houvesse uma rejeição clara em abril de 1938 ao lidar com os “grandes nazistas” no local, Begrich anotou, em julho, após a dissolução da Casa Wartburg (importante para o trabalho juvenil), que estava profundamente decepcionado com o fato de o partido que ele tinha, erroneamente, recebido na Casa ter “transformado um local cristão num local anticristão”.

Além de suas atividades editoriais, Martin Begrich é interessante como uma pessoa cuja biografia sintetiza as rupturas nos desenvolvimentos políticos, tanto na Alemanha quanto no Brasil. Quando Begrich e sua esposa Herta chegaram a São Paulo em 1929, corria o último ano da república que existia desde 1889. Após uma rebelião e a transferência de poder pelos militares, Getúlio Vargas (1882–1954) assumiu em novembro de 1930, com poderes ditatoriais. Seus esforços de nacionalização no decorrer do Estado Novo proclamado em 1937 impulsionaram a assimilação dos alemães no Brasil. A proibição do idioma alemão nas escolas, onde também era ensinada a educação religiosa, teve um impacto particularmente rápido a partir da década de 1940: enquanto o jovem Martin Begrich vivenciava um novo amanhecer na comunidade protestante alemã, que teve que ocupar um segundo e, logo depois, um terceiro cargo de pastor ao lado do pastor da cidade Wilhelm Freyer (desde 1926), ele testemunhou as restrições na vida cotidiana dos alemães nos melhores anos da vida dele, logo quando havia criado a revista paroquial *Kreuz im Süden*, que foi bastante bem-sucedida. A vida religiosa também sofreu com isso, com muitas formas de costumes tradicionais. Com o passar das décadas, ela conseguiu se evaporar a tal ponto que a atual Igreja Martinho Lutero, que já foi a Igreja alemã, é conhecida apenas por poucos na vida pública. Isso também se aplica aos tesouros do arquivo paroquial, que, Begrich esperava, em 1937, “um dia, depois de nós, daria aos nossos descendentes uma imagem do nosso trabalho e da nossa responsabilidade. Já há anos são coletadas publicações relacionadas ao germanismo no Brasil e em São Paulo.”⁹ Esse era um assunto muito caro a Begrich, como ele explicou ao historiador Friedrich Sommer em 1955, cujos

8 K XXV, Cartas de Martin Begrich a Friedrich Sommer, 7 de novembro de 1937.

9 *Kreuz im Süden*, v. 1, n° 12, junho de 1937.

escritos também foram incluídos “em nosso novo armário de arquivos na Gustav-Adolfhaus, atrás da igreja da cidade. Esse gabinete alongado com portas de vidro deslizantes (...) do estoque leiloado da canibalizada ‘Bremensis’.”¹⁰

Assim, os diários de Martin Begrich não se concentram apenas em suas realizações jornalísticas ou em suas atividades profissionais e pastorais, as quais ele deliberadamente não expressou em números em sua saudação de despedida à congregação (1963), pois o que importava era “a bênção e o fruto de cada semente”, que estava “exclusivamente nas mãos de um superior, o mais elevado”.¹¹ Em vez disso, os altos e baixos visíveis nos quais Martin Begrich operou devem chamar a atenção para o desenvolvimento da comunidade protestante alemã como um todo e, portanto, para as histórias de vida e os mundos de vida associados a ela. Muitos dos tesouros armazenados nos arquivos da história da imigração alemã em geral e da comunidade protestante alemã em particular ainda precisam ser desenterrados.¹²

Hoje, quase não se sabe que grande comunidade os alemães formaram não apenas no estado de Santa Catarina, no Sul do País, mas também em São Paulo – e que vida comunitária protestante florescente e em expansão estava associada a ela no primeiro terço do século 20. Duas das cinco paróquias de língua alemã existem até hoje – no chamado Distrito Norte e no Distrito Sul de Santo Amaro.¹³ Na inauguração da Igreja da Paz ali, há 65 anos, no lançamento da pedra fundamental na qual Martin Begrich, que, desde então, foi eleito Presidente do Sínodo Brasil Central, proferiu as palavras de bênção, fechou-se um círculo no fato de que essa área foi um dos locais de origem da imigração alemã no estado de São Paulo. A congregação atual, portanto, vê sua tradição muito corretamente no início das congregações alemãs há cerca de 150 anos. No entanto, de acordo com seu site atual,¹⁴ ela tem continuado essa história desde o pastor Friedrich Zander – sucessor de Martin Begrich. Isso significa que os anos difíceis mencionados acima, que foram sobrecarregados pela chegada da ideologia nazista e pelos esforços de nacionalização de Getúlio Vargas e que trouxeram sérias mudanças nas colônias alemãs do Brasil em geral e nas paróquias em particular, não aparecem. Os diários

10 Instituto Martius-Staden, K XXV BEGRICH, Martin: carta ao historiador Friedrich Sommer. 5 de julho de 1955.

11 PA: contribuição sem data, Kreuz im Süden, 1963.

12 Vide os vários escritos: Archiv mit Protokollbüchern und Bildern e Kreuz im Süden, nº 9, 1950.

13 A Igreja da Paz em Santo Amaro (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)) é afiliada à Igreja Evangélica na Alemanha (EKD).

14 www.igrejaluateranadapaz.com.br.

de Martin Begrich fornecem uma imagem realista dessa ruptura e da vida cotidiana que teve que ser suportada. A propósito, eles incluem as três famílias, Moeser, Mangels e Kutschat, quase esquecidas, que doaram as janelas coloridas da igreja que sobreviveram praticamente ilesas ao desastre de 2018 (a queda de um prédio vizinho sobre a igreja).

Antes de irmos ao *in medias res*, uma observação sobre a estrutura dos diários: estes não são registros sistemáticos que seguem um padrão específico em termos de conteúdo ou estilo. Assuntos supostamente triviais, como atividades de lazer, colheitas no jardim e reuniões sociais, são justapostos de forma quase perturbadora às atividades escolares e oficiais, a maioria das quais é apenas sugerida. Suas próprias atitudes geralmente são reconhecidas apenas de maneira indireta, se é que são reconhecidas. Durante a Segunda Guerra Mundial, entretanto, Begrich reflete de forma confiável o curso das batalhas e a queda das cidades no final da guerra. Suas anotações durante esse período tornam-se, portanto, um espelho do curso da guerra, que ele nos apresenta com inserções de suas próprias atividades (geralmente no jardim durante sua suspensão do serviço). Salpicadas de caricaturas de jornais brasileiros, elas são um valioso testemunho de como a guerra foi percebida no Brasil. A nota abaixo das últimas frases simples de 1950, “Encerro aqui, mais anotações nos calendários oficiais desde 1927/29”, pode revelar o padrão de ação no qual os diários se baseavam em grande parte. Em intervalos, Begrich pode ter retirado seus tópicos diários dos calendários oficiais, o último dos quais, de 1970, sobreviveu, e tê-los copiado, às vezes mais, às vezes menos embelezados, dependendo do tempo e do humor. Obviamente, ele não tinha tempo e energia para refletir. Em vez disso, eles transmitem uma sensação de imediatismo; vivem dos muitos nomes cujos descendentes ainda hoje podem ser encontrados no Brasil e nos permitem vivenciar a enorme expansão de São Paulo, que Fouquet resumiu, em 1971: “Quando ele [Martin Begrich] foi nomeado para S. Paulo, a cidade tinha 800.000 habitantes; hoje, tem seis milhões. Naquela época, o bonde elétrico e um número moderado de carros dominavam as ruas, a maioria das quais ainda não era pavimentada; hoje, a massa de ônibus, caminhões e carros é a única dona do asfalto entre os inúmeros arranha-céus, palácios, vilas, casas geminadas, fábricas e favelas. A congregação luterana da ‘colônia alemã’ se reunia em sua única igreja na época, a neogótica da Avenida Rio Branco, agora apertada entre blocos de torres; a congregação agora tem várias igrejas e salões paroquiais, a maioria sem qualquer lembrança dos estilos tradicionais, e nelas trabalham seis clérigos (1971).”¹⁵

15 Vide nota 1.

O presente artigo sobre a história da vida cotidiana só pode destacar alguns aspectos centrais, como as condições pessoais de vida do casal Begrich (1), suas atividades sob as condições políticas em constante mudança (2) e as atividades de socialização e lazer do casal (3). Os diários também contêm um grande número de eventos e fatos brevemente anotados, que também serão interessantes para uma abordagem interdisciplinar. Uma publicação on-line facilitaria o acesso.

“ Deveria morar no vicariato e
pagar 250 mil-réis por isso!
(novembro de 1932) ”

1. As condições de moradia

Um dos maiores problemas particulares depois que o jovem casal chegou a São Paulo foi a situação da moradia. Eles tiveram que mudar de endereço nada menos que sete vezes antes de, por fim, encontrarem uma morada permanente no final de 1936, sete anos depois. Apesar de todos esses transtornos e perturbações em sua vida particular, Begrich realizou suas atividades na igreja e na escola e também alcançou feitos incríveis no campo do jornalismo. Nada menos que 40 publicações surgiram naqueles anos, incluindo algumas que exigiram uma pesquisa histórica mais extensa, como a publicação comemorativa sobre o aniversário da igreja em 1933, ou o estudo sobre o primeiro pastor de São Paulo, Georg Hölzel (1858-1864).¹⁶

Eles se mudaram para o primeiro pequeno apartamento no final de 1929 e o deixaram novamente no início de 1932. Tudo começou com muita esperança na casa alugada na rua Cardoso de Almeida, onde Begrich tirou “fotos da sala e da casa” logo no início, com muito orgulho das coisas terrenas da vida. O casal tinha acabado de comprar um “conjunto de móveis de vime por 142 dólares, com cesto de roupa suja e 1 luminária de chão = 75 dólares”. “A atmosfera noturna vista da varanda dos fundos é maravilhosa, quando o Jaraguá surge recortado em azul profundo ao pôr do sol”, disse Martin Begrich com entusiasmo sobre a vista da alta montanha, em junho de 1931. Mas, em agosto, após uma disputa com os proprietários Krug, a necessidade de mudar de casa tornou-se evidente. Logo no início do ano novo, eles se mudaram para a “Alameda Franca, 173, esquina com a rua Pamplona.”

16 Martin Begrich: Kirchengeschichtliche Bemerkungen zu Person und Zeit des ersten deutschen evgl. Pfarrers im Staate São Paulo Georg Hoelzel aus Dona Francisca 1858-1866 (Dtsch. Rvgl. Bl. f. Br. São Leopoldo, Heft 11/12), 1936/37.

11 de janeiro [32]. Começaram a empacotar as caixas, transportar livros, etc., 13 de janeiro, mudança. Não foi difícil, porque: “A luz elétrica do andar superior (...) não está mais acesa, um pedaço de estuque caiu.”

Mas mesmo a nova situação de vida não durou muito: Herta desenvolveu uma “dor na região do fígado. Um calor terrível na casa mal ventilada”. Apenas seis meses depois, planejavam a segunda mudança: para uma pensão! “Em 9 de julho [32] eu me mudei, levei caixas para os Thümmel e me mudei para a Pensão Matzke, Rua Consolação.” Por quase doze meses (interrompidos por uma estadia de seis meses no vicariato atrás da igreja da cidade), a pensão se tornou o apartamento do pastor. Alguns dos bens domésticos foram empacotados em caixas e deixados com amigos, o casal Thümmel; uma família se mudou para a casa anterior: “Deixamos nosso conjunto de móveis de vime e a geladeira lá”, diz Martin Begrich, com saudade, agora “infelizmente gripado”.

A terceira mudança ocorreu em dezembro de 1932, como mencionado, para o vicariato dos Freyer, atrás da igreja. Ele teria ficado vazio durante uma viagem de férias de seis meses. “Partida do sr. e da sra. Freyer numa cabine de luxo do (navio) Cape Arcona”, Begrich anotou em seu diário, talvez não sem pensamentos paralelos. Ele estava muito irritado por ter que pagar aluguel ao pastor Freyer por morar no vicariato, quando ele mesmo morava lá sem pagar. Possivelmente, um mal-entendido que deixou Begrich tão emocionado que ele talvez tenha pegado de imediato a caneta, com a qual insultou o conselho da igreja em seu diário: “Hipócrita”. Seu pedido de transferência de volta para a Alemanha, enviado na mesma época, pôde ser evitado com o esclarecimento da situação.

A preocupação era grande: Herta continuava “doente dos trópicos”, mesmo na nova casa, conforme anotado em seu diário, em janeiro de 1933. Assim, enquanto a esposa do pastor viajava de volta para a Alemanha por seis meses em junho de 1933, a quarta mudança de Begrich estava na agenda – de volta à Pensão Matzke, rua da Consolação, 15, onde a publicação comemorativa do 25º aniversário da igreja da cidade foi datilografada, o trabalho histórico mais importante de Begrich até então. A quinta mudança de residência ocorreu no final do ano. Ao mesmo tempo em que o centro juvenil “Casa Wartburg” se mudou para a rua Conselheiro Nébias, 35, Begrich pôde voltar a morar em sua própria casa. No entanto, isso ainda exigia “trabalho no vicariato até a porta da frente”. Depois que os móveis guardados no vicariato e com os amigos foram recolhidos, nem mesmo a constatação

de que “os armários não sobem pela escada” impediu o projeto: “18.12. Mudança definitiva para o Brooclyn Paulista, Avenida Rodrigues Alves, 205, ao lado do Bamberg” – proprietário de uma ourivesaria.

Seguiu-se um período relativamente feliz de um ano e meio, entre janeiro de 1934 e agosto de 1935. Para sua alegria, Herta pôde manter um cavalo de montaria por perto. É interessante notar que ela também participou de um curso de Mazdaznan – com o próprio Gotthilf Rümelin, que difundiu no Brasil o movimento religioso composto por elementos zaratustrianos, cristãos e alguns hindus/tântricos. Por outro lado, esses foram os anos em que Martin Begrich publicou no espírito da propaganda nacional-socialista. Ao mesmo tempo, ele considerava seu dever tornar palatável a adesão da congregação à igreja do Reich, o que significava que o recém-criado Ministério das Relações Exteriores da Igreja se tornaria responsável pela congregação no exterior, em vez do Conselho da Alta Igreja Evangélica (EOK), que havia sido deposto. “A diretoria estava relutante – mesmo em Rio Claro e Campinas eles teriam se espalhado em frente à igreja de Hitler. Na reunião seguinte dos mais velhos no salão paroquial, eles (os de ascendência hunsriqueana), de súbito, tiraram os chapéus e saíram silenciosamente”, observou Begrich na noite da apresentação do projeto (1º de agosto de 1934). Mais tarde, após a conclusão do projeto, ele enfatizou que havia agradecido ao EOK no livro de atas pelos serviços prestados à comunidade desde 1907.

Quando o casal retornou, em março de 1936, visivelmente castigado em suas opiniões após a primeira visita à Alemanha, que durou seis meses, ele se hospedou no hotel “Aurora”, assim como em 1929. Cinco semanas se passaram até que a sexta mudança de residência fosse concluída – para o recém-construído centro comunitário “Casa Heydenreich”, batizado em homenagem aos fundadores Hermann e Helene Heydenreich. Begrich registrou: “Quarta-feira, 6 de maio [36], mudança para a nova reitoria na Rua Coronel Oscar Porto, 66, Paraíso”.

Em 1935, Begrich já havia escrito confiante para Berlim que estava planejando “construir uma casa paroquial e um salão paroquial para mim na grande propriedade da igreja em Villa Marianna”.¹⁷ A construção foi financiada “por meio da venda de um terreno doado pelo sr. Heydenreich, cuja venda progride bem. O plano também inclui a construção de uma igreja, um lar para irmãs e, para depois, um lar para mulheres, como no Rio.”¹⁸ Isso não mais aconteceria. Sessenta anos depois

17 PA: Martin Begrich, carta ao Reitor Gottlieb Funcke, São Paulo, 25 de fevereiro de 1935.

18 Ibid. O vicariato foi inaugurado em novembro de 1936 (mudou-se para lá em maio), e o salão paroquial, em agosto de 1937.

(1997), a Fundação Heydenreich pediu de volta o local para vendê-lo. Hoje, o que existe na área agora densamente construída é o prédio alto de uma rede de hotéis, e nada nos lembra de sua história.

“**Nosso tempo pode ser caracterizado pela carta aos Coríntios: temor interior, contenda exterior.**
(setembro de 1942)”

2. As condições políticas

A vida do pastor em São Paulo mudou com sua moderna e confortável casa num grande jardim. Martin Begrich se reinventou um pouco com a revista paroquial *Kreuz im Süden*. Como já havia trabalhado na redação do *Heimatblatt* na Alemanha, as noites estreladas no navio podem tê-lo inspirado a iniciar um projeto semelhante. Em agosto de 1936, ele resumiu: “Nossa nova revista paroquial *Kreuz im Süden* foi publicada pela primeira vez na semana do Dia do Colono. Infelizmente, a tiragem de 300 exemplares foi distribuída com muita rapidez.”¹⁹

Essa revista paroquial ilustra a curta duração do desenvolvimento profissional desinibido e da felicidade pessoal. Em 1938, a revista estava sendo publicada apenas de maneira reduzida e só conseguiu alcançar o sucesso anterior à guerra em 1949 – a partir de então, em alemão e português.

Begrich, comprometido com a promoção da igreja e do germanismo como parte de sua missão no Brasil, teve que se preparar para usar a língua portuguesa mesmo em seus primeiros anos: “Há também um novo decreto à espreita, segundo o qual somente os brasileiros nativos podem ensinar religião nas escolas”, observou ele em fevereiro de 1935.²⁰ Embora ele tenha tentado se preparar para o dia X aprendendo a língua estrangeira, as restrições ainda não haviam aparecido. Ele ainda podia dar aulas de religião em alemão nas escolas alemãs da Vila Mariana e Olinda, realizar cultos religiosos em alemão e satisfazer sua sede de pesquisa e paixão por escrever sobre a história do germanismo no Brasil.

19 Kreuz im Süden, v. 1, n° 2, agosto de 1936.

20 PA: Martin Begrich, carta ao reitor Gottlieb Funcke, São Paulo, 25 de fevereiro de 1935.

No entanto, muita coisa mudou como resultado dos decretos emitidos pelo Estado Novo na primavera de 1938, que visavam os partidos estrangeiros e as atividades políticas de estrangeiros no Brasil com uma série de proibições, o que afetou severamente várias organizações. Em junho de 1938, enquanto viajava pelo estado de Santa Catarina, Begrich encontrou “tudo cheio de medidas para reprimir a nacionalidade alemã sob o Decreto 383”, que, curiosamente, foi “atribuído sobretudo ao NSDAP”. Em setembro, ele pôde respirar aliviado com o fato de que as “igrejas organizadas como associações não se enquadram no [Decreto 383]”. Entretanto, com o rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha em janeiro de 1942, as coisas começaram a mudar fundamentalmente: O idioma alemão foi proibido. Portanto, agora, como Begrich observou, “pela primeira vez desde 1918, não havia culto na igreja. Realizei três batismos em português, que a congregação batismal parecia entender melhor que o alemão”.

Embora já houvesse restrições aqui e ali nas escolas desde 1938, não seria mais permitido ensinar alemão nos próximos anos. Em fevereiro de 1942, Begrich deu sua primeira aula em português, mas também foi uma de suas últimas até ali. A partir de março de 1942, o sermão passou a ser pregado somente em português – de uma mesa, de pé, e não do púlpito, como era o caso desde 1939.

Qual foi a atitude de Begrich em relação à guerra? Como participante nacionalista alemão da Primeira Guerra Mundial, que usava gravata e colarinho todos os anos no dia 1º de setembro em memória da conquista de Riga quando tinha 20 anos (1917) e que recebeu um presente de Herta, Begrich, de início, ficou do lado da Wehrmacht. Enquanto Herta permanecia doente na cama por semanas a fio, ele estava febril diante dos planos de batalha elaborados e fixados nos guarda-roupas.

Após a batalha perdida de Stalingrado (1943), Begrich, ao contrário de muitos de seus contemporâneos no terreno, não tinha ilusões. Como sub-líder da associação de guerreiros integrada à *Reichskriegerbund* desde 1938, ele teve que resolver muitos desentendimentos dentro da camaradagem. Seu compromisso, analisado criticamente aqui, fazia parte de seus esforços para se reconciliar com o passado. Tendo perdido seu próprio irmão na guerra, pesquisar o destino de outros e uma placa memorial correspondente na igreja da cidade (removida durante a restauração em 2017) era uma questão natural para ele.

“Na colônia alemã, as pessoas dificilmente prestavam muita atenção à seriedade

dos tempos de guerra”, observou Begrich em janeiro de 1940, embora os refugiados de guerra também se tornassem conhecidos, incluindo a família do conde Von Erbach e os passageiros do navio alemão “Windhuk”, que havia zarpado em fuga da África do Sul para o Brasil. Entre os passageiros estava o dr. Norbert Zimmer, chefe do centro de pesquisa “Lower Saxony Abroad” (Hannover) e um convidado bem-vindo dos Begrich.

As coisas ficaram mais turbulentas quando os alemães foram colocados sob suspeita geral após o rompimento das relações diplomáticas e a subsequente entrada do Brasil na guerra. As contas foram congeladas e os “bancos das potências do Eixo” foram proibidos. As prisões, observadas de perto e registradas por Begrich, eram a ordem do dia. Até que ele próprio foi atingido: “Na sexta-feira, 24 de abril (42), às 3 horas da tarde, quando eu voltava do Canindé, fui preso na Avenida São João, 324, com Hosang, por ocasião de uma busca domiciliar no escritório. Tivemos que esperar na delegacia até as duas da madrugada e depois fomos presos na Praça General Osario. Na segunda-feira após o domingo, fui levado para fora e foram feitas buscas em minha casa e na H4 (Casa Heydenreich), na igreja e na casa dos Freyer, e muitos mapas de 1914-18 foram retirados de meus livros de guerra.” Os paroquianos e amigos lhe deram uma recepção calorosa em casa.

Os roubos agora também faziam parte da vida cotidiana. No dia em que o Brasil entrou na guerra, Begrich registrou: “22.8.42: dia de azar! Já fazia tempo que eu vinha lendo notícias ruins nos jornais. Fomos ao aniversário do Thümmel. Nessas horas de ausência, arrombaram minha casa pela janela da copa e roubaram meu anel de sinete, a aliança de casamento de H2 [Herta], a pedra de berilo, a corrente de ouro, o relógio de minha mãe e os livros de bolso. Às 20h30, o sobrinho de Thümmel trouxe a notícia da declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha e a Itália – na madrugada, por volta das 3h, pedras foram atiradas novamente, e a janela do banheiro foi quebrada pela segunda vez. 23.8.42: por precaução, não houve culto nas igrejas alemãs”. Até seu 45º aniversário, em 18 de setembro de 1942, Begrich e a esposa usaram colchões nas janelas como barricadas por quatro semanas. Apesar dos regulamentos rigorosos, segundo os quais as folhas de hinos também eram impressas em português, Begrich ainda realizava um ato oficial fora da igreja em alemão aqui e ali – como no aniversário de bodas de prata dos Kirchner, na Lapa.

Uma barreira adicional foi colocada em 1943, quando a paróquia alemã foi sub-

tamente considerada também uma “associação brasileira”. “No dia seguinte, terça-feira, 8 de junho, fui a primeira vítima a ser liberada de todos os deveres da igreja, licenciado = afastado, exigido pelo despachante Eszer = demitido.” Por uma questão formal, Begrich tirou uma licença, mas, não oficialmente, ministrou aulas particulares de confirmação. Somente quatro meses depois, o presidente do conselho da igreja, Rieckmann, anunciou “que eu poderia trabalhar novamente, então fui afastado a partir do Dia da Ascensão (3 de junho) até 2 de outubro.”

A proibição do idioma foi contornada aqui e ali durante todo o período de sua existência: Em novembro de 1943, Begrich realizou um batismo em alemão na casa dos Rotermund-Volckmer e, no “café de advento das costureiras” da Casa Heydenreich, ele declarou: “As mulheres (Held, Hennies, Heider, Bohl, Wolf, Lösch, Stiller) entoam canções de Natal em alemão”.

Begrich anotava tudo isso numa colorida mistura de coisas importantes e aparentemente sem importância, com os olhos fixos nos eventos distantes da guerra. Ele procurava obter informações sobre a situação na Alemanha pelo rádio, que ele ouvia, por exemplo, na casa da família Dierberger, ou em revistas. Enquanto isso, cenas dramáticas se desenrolavam localmente: “Dna Auguste Kirchner (Escola Mooca-Braz) se envenenou com gás porque foram encontradas bandeiras nazistas num galpão na escola, com as quais ela não queria ter nada a ver.” (9.11.42). Com cada vez mais frequência, Begrich ouvia falar dos filhos de seus amigos e conhecidos que haviam morrido na frente de batalha, e a escassez e o aumento dos preços se faziam notar. A partir da segunda metade de 1942, primeiro a gasolina e, um pouco mais tarde, também açúcar, sal, sabão em pó e pão. Mas o fim da guerra estava se tornando cada vez mais claro: após o desembarque dos Aliados em junho de 1944, Begrich anotou, com sentimentos contraditórios: “Com relação ao destino da Alemanha, há preocupações terríveis. O excesso de cães é a morte da lebre.” Já em junho de 1943, ele observou: “Os judeus daqui já estão calculando o que receberão da Alemanha em indenizações. Para eles, é óbvio que a Alemanha perdeu a guerra e que será comandada, e que a educação dos jovens etc. será administrada pelos EUA.”

Nos três anos entre 1942 e 1944, Begrich frequentemente fazia reportagens de seu próprio quintal, com uma série de curiosidades surpreendentes retiradas de seu trabalho jornalístico, de suas pesquisas e, às vezes, também de suas principais atividades profissionais, mas, no final da guerra, as notícias sobre o progresso dos Aliados

dos se intensificaram. Sua simpatia estava com seus parentes e amigos em casa.

“6 de maio (45) Domingo (...) Niemöller ganha sua liberdade! Na manhã da segunda-feira seguinte, mais batidas, sirenes tocando – sem mais telefonemas, sem ideia do que poderia ser: *rendição incondicional da Alemanha, Fim da guerra em Europa*. Há pedaços de papel, bandeiras e pessoas nas ruas, os próximos dias são feriados públicos e todas as lojas estão fechadas. Eu vou ao Peters I e discuto a situação.” Isso foi seguido, em julho, por um “alívio no sermão para os alemães”. No final do ano, os confirmandos também comungaram “em alemão”. “Falar alemão é necessário novamente”, Begrich, por fim, repetiu durante o ensaio da peça de natalidade, no final de 1945. E os próximos desafios já estavam à espera, como o trabalho de Begrich na comissão para revisar a edição em português da Bíblia (desde 1947) e a organização da ajuda humanitária aberta com o culto da Reforma de 1945 para ajudar os necessitados na Alemanha Ocidental. Centenas de pacotes foram enviados de Santos até a década de 1950 – sob o olhar atento do cônsul-geral americano Cross, que também investigava os envolvidos quanto ao seu passado político. Isso gerou algumas suspeitas. Begrich mal podia acreditar em sua sorte quando Cross “declarou que a maioria deles era política, mas disse que eu era *clàring* (por causa do sermão da Reforma de 1945)”. “Eu son cleand”, ele anotou com uma alegria inacreditável sobre a “licença pessoal” – e, mais uma vez, examinou a biblioteca da Casa Heydenreich, onde já havia transferido ou queimado alguns títulos.



Martin e Herta Begrich quando chegaram a São Paulo, em 1929

“ **Muitas vezes, passamos horas agradáveis
na casa aconchegante e elegante.**
(agosto de 1938) ”

3. Vida social e lazer

Sobretudo na fase inicial de sua carreira, durante a qual realizou grandes conquistas como jornalista, Martin Begrich gostava de registrar os destaques da vida cotidiana: festas escolares, idas a clubes esportivos, visitas às sociedades Germania e Lyra, estadias na casa de guerra, manhãs de café, noites de vinho tinto e caminhadas e, ocasionalmente, idas ao cinema, a concertos ou ao teatro. Eles ouviam os pianistas Claudio Arrau e Fritz Jank, bem como o Rieschbühne da Baviera ou os Braunwieser, e Herta, várias vezes, também comparecia. Em 1932, no 100º aniversário da morte de Goethe, o casal se sentou para uma “comemoração calorosa de Goethe” com o ilustre casal de artistas, que se caracterizava por uma atitude altamente humanista.

Uma olhada na lista de publicações de Begrich e nas edições da revista paroquial *Kreuz im Süden*, para a qual ele mesmo recolhia incansavelmente as finanças, protege contra uma imagem distorcida da vida cotidiana.

Certas formas de socialização faziam parte do *status* social. Além disso, as transições do privado para o profissional são muitas vezes fluidas, como, por exemplo, na organização de séries de palestras com uma colorida variedade de tópicos, como “Design moderno e design”, “Provérbios alemães”, “Correntes espirituais na colônia alemã de São Paulo”, “Lutero” e, até mesmo, “Goethe”. O “círculo da fé” da escritora Luise Bresslau-Hoff, no qual ela mesma deu uma palestra sobre “fé no progresso” em 1940 e ao qual Begrich deu continuidade com o tópico “fé na retribuição”, também foi muito frequentado. Bresslau-Hoff, que pertencia ao círculo de amigos dos Begrich, era esposa do zoólogo Ernst Bresslau. Como judeu protestante batizado, ele emigrou com a família para o Brasil em 1934, onde morreu pouco

tempo depois. Sua irmã, casada com Albert Schweitzer, bem como a esposa do presidente alemão Theodor Heuss, estavam entre seus confidentes, e, nos diários, encontramos pessoas respeitadas da época, como Ludwig Aeldert (1888–1964) e Richard Czaki (1886–1943), a apresentadora de rádio e mais tarde inventora do *Sandmännchen* (homenzinho de areia) da RDA, Ilse Obrig, bem como o professor e escritor dr. Erich Fausel.

Após a guerra, um círculo em torno de Begrich introduziu as chamadas palestras de dez minutos sobre tópicos socialmente relevantes. O pastor Filarski, um ex-padre agostiniano que, de início, mudou sua denominação e se tornou pastor sob a orientação de Begrich, usou esse formato para um “discurso contra o conselho da igreja”. Begrich, que também gostava de assistir aos cultos de outras denominações cristãs, já havia demonstrado sua tolerância em questões religiosas em 1925. Naquela época, ele realizou o matrimônio de um casal “em minha sala de estar que estava casado há 3–4 anos e com dois filhos, ela greco-católica, ele, Ewald Böttger, protestante daqui”. Em São Paulo, Gerti Caprez-Roffler tornou-se amiga do casal, que recebeu seu treinamento prático em São Paulo por volta de 1930 e se tornou a primeira pastora da Europa, apesar da resistência na Suíça.

Desde sempre, seu círculo mais próximo de amigos incluía os banqueiros e estas Hermann Thümmel e Wilhelm Moeser. Este último foi o doador das “janelas da capela-mor fundidas por Paul Birr (+1945)”, que “visam a trazer o significado do Natal, da Sexta-Feira Santa e do Dia da Ascensão para a congregação num design moderno”.²¹ Era principalmente com eles que eram feitas as caminhadas regulares no Ano Novo para a chácara de vinho, no Mandaqui.

Desde o início, o casal se cercou da classe média alta instruída, incluindo o farmacêutico Schwedes e os empresários Sönksen, Hellhammer, Weiszpflug, Kutschat, Mangels, assim como o editor do jornal *Deutsche Zeitung*, Rudolf Peschke. Mais tarde, juntaram-se a eles o médico dr. Friedrich Müller e os Schenkel do estudo bíblico, o cientista dr. Jorge Krichbaum, o banqueiro Steinkopff e a família Schiefferdecker.

O círculo de amigos dos Begrich também incluía o cantor Paul Althausen, que convidou Herta para cantar na igreja municipal alemã. Anos antes, o Coro Schubert de Martin Braunwieser havia cantado lá regularmente. Em várias ocasiões, os Begrich participaram de noites musicais na casa dos Braunwieser, cujo círculo de

21 PA: Martin Begrich: 60 anos da igreja da cidade na Avenida Rio Branco, 34, Kreuz im Süden, sem dados exatos, 1969.

amigos se estendia até o escritor Gabriele D'Annunzio (1863-1938), que morava no Lago de Garda.

Pastores e colegas, incluindo o historiador Sommer, a quem o atual Instituto Martius-Staden deve sua sistemática e organização, tornaram-se importantes parceiros de discussão, às vezes até amigos.²² Ele também cultivou relacionamentos amigáveis com um grande número de paroquianos e camaradas, bem como com a vizinhança, por exemplo, ao jogar xadrez com o ourives Luiz Bamberg, em 1934/35, ou em "conversas ao luar" com o pintor cego Georg Fischer-Elpons (1866-1939). Em sua juventude mais madura, vemos o pastor fazendo ginástica, arremesso de dardo, equitação e participando de jogos de bola, e o livro de visitas do casal relata inúmeros encontros agradáveis com os Begrich,²³ incluindo vários representantes da Igreja Luterana na Alemanha e, mais tarde, da Federação Luterana Mundial. Apesar da guerra na Europa e da situação delicada no Brasil em termos políticos, o casal e seus amigos se divertiam com noites de música particulares. A jardinagem desempenhou um papel cada vez mais importante durante os anos de guerra, crescendo proporcionalmente ao declínio das atividades jornalísticas. Begrich também se dedicou à literatura, lendo livros inteiros por dia. Ele sofreu visivelmente com a restrição de seu campo de atividade, mas nunca se queixou disso. O casal, que sofria repetidas vezes com problemas de saúde, encontrava dias de descanso no Guarujá, bem como em feriados que duravam vários dias em Bertioiga (1940) e Ilhabela (1941). Martin Begrich, filho de um pastor protestante com raízes profundas, encontrou força e estabilidade interior sobretudo em sua fé na graça de Deus. "O pensamento de sua vida era a modéstia, era a humildade", disse o serviço fúnebre em 1971. No final da vida, na casa de repouso perto de Bamberg, ele ficou feliz quando não o chamavam mais de presidente, mas de "irmão Begrich". Sua criatividade quase incansável também animava seu humor e sua imaginação. Ele sempre se referia à esposa Herta, nascida Hauenstein, como "H2" e a Hermann e Helene, da Casa Heydenreich, como "H4". Ele gostava de passar férias na chamada "Riviera" ou no "Achterdeck". Ele "navegou" através dos tempos na propriedade Heydenreich, onde, certa vez, explicou seu trabalho a Friedrich Sommer da seguinte forma: "A maior parte do que você pensa e faz, você o faz para não pensar e não viver no presente."²⁴

22 Daniela Rothfuss: "Hüter der Geschichte der Deutschen in Brasilien. Friedrich Carl Sommer: Uma vida entre dois mundos". In: Kupfer/Kutschat/Rothfuss/Rüsche (orgs.): Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo: 2014, pp. 117-123.

23 Título do capítulo = citação de Rudolf e Anni Peschke, em 28/8/38, terminando: "Se houver apenas pressa e tempestade no mundo, encontraremos paz na casa de Begrich."

24 Instituto Martius-Staden, K XXV Begrich, Martin: Cartas para Friedrich Sommer, 25 de junho de 1945.



A versão original do livro em alemão está disponível para compra.
[Clique aqui](#) para saber mais.



Paul Jobst Martin Begrich (1897-1971),

heute bekannt als Pastor, Historiker und Autor, wanderte 1929 frisch vermählt nach Brasilien aus, wo in der expandierenden Gemeinde São Paulo eine zweite Pfarrstelle zu besetzen war. 1936 bezog das Paar das „Heydenreichhaus“ – ein nach dem Stifter genanntes Gemeindezentrum, umgeben von einem riesigen Garten. Wo sich heute Hochhäuser dicht aneinanderreihen, erblühten unter der Hand des naturverbundenen Denkers Acker und Gemeindeleben.

Die erstmals veröffentlichten Tagebücher gewähren Einblicke in die Alltags- und Arbeitsstruktur, ins Privatleben und in die Formen der Geselligkeit der Deutschen in Brasilien während der wechselnden schwierigen politischen Verhältnisse im Lande zwischen 1929 und 1950.

An Pfarrer Martin Begrich kann ein persönlicher Werdegang nachvollzogen werden. Der Bogen spannt sich von der Kindheit im bildungsbürgerlich und nationalprotestantisch geprägten Pfarrhaus über die traumatischen Erlebnisse im Ersten Weltkrieg, das Begrüßen und Ablehnen des Nationalsozialismus bis hin zum Mitgestalten der deutsch-brasilianischen Beziehungen im Nachkriegsdeutschland. 1954 erhielt er das Bundesverdienstkreuz.

Begrich leistete Pionierarbeit bei der Erforschung der Anfänge der deutschen Kolonien. Er wurde zu einem Förderer des „Deutschtums“ in Brasilien, erlebte schließlich aber den politisch forcierten Niedergang des Bewusstseins für die Vergangenheit der deutschen Einwanderer hautnah mit. Die Dokumentation dieses Bruches macht das Buch über das Jubiläum „200 Jahre deutsche Einwanderung in Brasilien“ (2024) hinaus wertvoll und spannend.

